

Relato

Sobre os jovens e a mídia. Veneza V. Maiora Ronsini.

Por Christian Godoi

Fazendo coro ao tradicional bloco que aponta os media como sujeitos nas relações com o receptor, pôde-se observar no estudo a ser relatado algumas ausências de elementos constituintes do contemporâneo. Ainda construído sob o rigor acadêmico imposto, percebe-se a recusa em aceitar a, quiçá já ultrapassada, perspectiva da pós-modernidade. Ainda que não se trabalhe a questão baseada em seus autores clássicos, como Lyotard, Baudrillard, Maffesoli, entre outros que percebem manifestações culturais com apelos diferenciados neste início de século XXI. Mesmo autores modernos vinculados aos estudos culturais, com discurso tradicionalmente fincado em uma relação de luta de classes, de hegemonia ou de ideologia, conseguem já vislumbrar as transformações que se apresentam, ainda que timidamente. Em “*Os exercícios do ver*”, Martín-Barbero, por exemplo, assinala elegantemente a presença da pós-modernidade – ainda com a modernidade e a tradição¹. Para isso, lembra o autor, que as hibridações, propostas por Canclini, entre o culto e o popular culminantes no massivo, mesmo entre as manifestações de *avant garde* e o *kitsch*, colocam boa parte das manifestações culturais vinculada à industrialização, aí portanto em condições semelhantes.

Ao tornar presente a questão do pós-moderno, imediatamente deve-se repensar a questão revolucionária das lutas de classe e, no processo comunicativo, o papel do receptor. Sujeito este que deixa de se vincular aos grupos em busca de preceitos ideológicos, ainda que seus ditames sejam estes, partindo pura e simplesmente atrás dos que comunguem valores semelhantes aos seus, de forma prazerosa. Explica Maffesoli que a “cidade contém em si outras entidades do mesmo gênero: bairros, grupos étnicos, corporações, tribos diversas que vão se organizar em torno de territórios (reais ou simbólicos) e de mitos

¹ “Fortemente carregada ainda de componentes pré-modernos, a modernidade se torna experiência coletiva das maiorias latino-americanas graças a deslocamentos sociais e perspectivas de cunho claramente pós-moderno” MARTÍN- BARBERO, Jesús. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: Senac, 2001 – p 44.

comuns”². E estes territórios são determinantes dos rituais de pertença, encontrados em todos os lugares, de escritórios executivos a botecos de periferia. Ainda que efêmeras as tribos, representação sócio-antropológica deste sentimento de pertença, através de seus rituais, permitem que os grupos existam. E a finalidade da existência destes grupos, hoje, não são é somente reivindicação e revolta, ainda que em ambas sejam cimentadas suas bases, mas sim o prazer de comungar os mesmos gostos, produzir seus elementos artísticos com as mesmas técnicas, desenvolver seus canais de comunicação através do gosto musical, das fanzines ou somente se afirmar com seu modo de ser.

Com efeito, não se crê ainda, neste relato, na existência de organizações sociais com o intuito de reivindicações como as baseadas nas lutas de classes. Assim como também não se acredita radicalmente nos vínculos que assinalam o estar junto, a estética, a moda, tudo frente ao mercado e ao consumo. Quanto ao estudo relatado, aqui se descreve no grau de importância dos media na questão da construção das condições juvenis. Como há de ser visto no decorrer do presente congresso, o autor deste relato não vê o poder atribuído aos meios de comunicação massivos. Quando se vincula, na página 2, a adesão dos jovens a determinados estilos aos media está-se aparentemente dando aos veículos de comunicação um poder que não lhes é provável. Na realidade, vislumbra-se exatamente o contrário do que se propaga: os meios de comunicação é que se apropriam das realidades, das tribos, dos comportamentos, das linguagens. Deve-se lembrar que os meios dependem das manifestações sociais que lhe fornecem subsídios para o desenvolvimento de seus conteúdos, assim também mesmo os anunciantes são na realidade escravos das massas sem rosto, sem expressão, hoje sem manifestação organizada, mas eternamente agentes³. Massas que ao mudarem de canal, desligarem seus televisores ou deixarem de comprar jornais e revistas, condenam os media à inexistência.

Ao contrário do que é exposto, acredita-se sim que os media são apenas usados como forma de satisfazer as necessidades, mais sinteticamente o desejo de prazer, para que sejam obliteradas as agruras constantes que assolam o viver. Assiste-se aqui a desgraça

² MAFFESOLI, Michel. O tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 171.

³ Porque este é o berço da dignidade humana, o agir sabendo-se que age, tendo consciência disto. Gerd Bornheim aborda a questão com a profundidade necessária pressuposta pela filosofia numa referência a Pascal, desembocando na questão que torna o homem agente: “Toda nossa dignidade consiste, pois, no

cotidiana da vida humana⁴, consciente de seu sofrimento, que, como nunca, pode hoje ser eclipsado pelos conteúdos mediáticos, antes não tão cotidianamente presentes, nem tão expressivamente variados.

Talvez, e muito provavelmente, este seja o único período da história onde o ser pôde realmente “ser” sem que a ele fosse imposta alguma força doutrinária. Com isso quer-se colocar a incapacidade da tradição e da modernidade em satisfazer seus anseios, e agora se percebe como nunca que, ainda sem estar necessariamente vinculado a uma grande ordem, seja política ou religiosa, pode-se fragmentar e pertencer ao que se quiser, quando quiser, em busca do que lhe parecer melhor, do que lhe servir como fuga e como “acalanto”. Não cabe aqui uma avaliação maniqueísta apontando se a condição atual torna o agir do ser certo ou errado. Entretanto, ao contrário da rebeldia assinalada pela autora em obras como *On the road*, de Jack Kerouac, a rebeldia atual busca outra conotação, a de viver intensamente, sem ideais, cada momento. Diferentemente dos “punks 77”, dos “punks 80’s” (já no movimento hard core), os novos representantes desta “categoria” buscam outra forma de manifestação que não é mais a questão da direita e da esquerda, ou exclusivamente do anarquismo, nem tampouco um sectarismo radical, mas sim a demonstração de poder, a prática da “vontade de potência” nitzscheana. E mais, buscam um estilo que os identifique com outros jovens, ainda que contrapondo-se aos grupos.

Excessivamente expositivo em sua argumentação, “Sobre os jovens e a mídia”, pela abrangência imposta pelo título, teria merecido uma abordagem mais crítica da relação entre os dois objetos apresentados, seja ainda pela questão da imposição mediática como dominadora, ou operadora funcional, seja na visão do receptor enquanto sujeito do processo comunicativo, extensamente trabalhada pelos estudos culturais e com representativa bibliografia quanto a posição da cultura na formação das mediações durante o diálogo com os media⁵. Assim como também é possível, através de uma construção sólida e fecunda, uma contraposição ao multiculturalismo e à cultura como estruturante, já que apesar de pequenos suspiros na manutenção da cultura dita pura, sabe-se que todo o mundo ocidental,

pensamento” (BORNHEIN, Gerd. Introdução ao filosofar: o pensamento filosófico em bases existenciais. São Paulo: Globo, 2001. p. 41-42)

⁴ Como a assistida por Schopenhauer ao longo do seu Mundo (SCHOPENHAUER, Arthur. O mundo como vontade e representação. Tradução M.F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001).

assim como já boa parte do oriental, vive nesta cultura-mundo encabeçada pelos Estados Unidos e seus aparatos. Partindo da postura de observação baseada na cultura pode se afirmar a morte da cultura do proletariado. Acredita Michael Denning que “a cultura de massa venceu, nada mais restou” (in Jacoby, 2001- p. 112), onde continua Jacoby explicando que “esta afirmação não decorre de uma falta de integridade revolucionária ou de rigor conceitual, mas de uma observação dificilmente contestável: a decadência do movimento das classes trabalhadoras e a falência de sua cultura própria.” (Idem, ibidem)

Para alguns autores os estudos culturais afastaram-se “dos ataques extremamente teóricos (...) argumentando que pelo menos alguns produtos da cultura popular têm, eles próprios, efeitos quase políticos positivos” (DURING, Simon. In Jacoby, 2001, p. 113). Para confirmar sua posição o autor cita o fato de, por exemplo, a cantora Madonna ser colocada como símbolo do feminismo. Com isso pode-se até mesmo temer a plena aceitação da cultura massiva, em detrimento da cultura culta, que se oblitera ou se vê, inúmeras vezes, a mercê dos mercados. Aos media resta a apropriação desta salada cultural.

O jovem, não obstante seu papel humano de pensar, de ser consciente, aglomera em seu ímpeto contínuo, na busca pela ação, as representações que lhes são inextrincáveis de seus atos rebeldes enérgicos. Estes mesmos jovens buscam apenas o que o homem busca durante todas as suas realizações, alguma motivação construtora de sentido para suas vidas.

Independentemente de raízes científicas, de construções culturais, da técnica e ainda indiferentes a tudo isso, o caminho construído pelo homem é baseado no que lhe permita admirar sua existência, seja através da fuga do sofrimento⁶ -- causado pela consciência de morte – hedonisticamente, seja transformando as agruras cotidianas, não no torturante pessimista mundo schopenhaueriano, mas elevando-o ao universo trágico nietzscheano, onde a tragédia, e seu abrilhantamento através da vontade de vida, leva o homem a transformar aquilo que lhe é posto frente aos olhos em algo útil que se soma aos seus

⁵ Ver, por exemplo, SOUSA, Mauro Wilton de. Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense, 1995. Obra organizada contendo bons representantes da “nata” dos investigadores do papel da cultura na relação comunicativa massiva.

⁶ “O homem só deseja a partir de uma privação, de uma necessidade. O prazer é apenas a satisfação de um desejo que nasce de uma carência. O desejo humano e seu corolário, o prazer, são dominados pela falta” (BRUM, José Thomaz. O pessimismo e suas vontades. Rio de Janeiro: Rocco, 1998).

impulsos construtores para apreciação do que lhe cerca.⁷ “Sofrimento, crueldade, dor e ‘pecado’ (sacrilégio) são aspectos inextirpáveis da existência humana. A questão é de que maneira nós os compreendemos”, explica Pearson. Baseando-se no discurso trágico nietzscheano, continua, “Nietzsche nos conclama a lutar pelo renascimento de uma cultura trágica, a única apta à criação de um espaço (uma *polis*) para o descobrimento do ser humano em toda a sua diversificada natureza”.

Assim percebe-se que como o velho, sob sua ponderação e sua consciência a despeito do morrer, o jovem, através de sua “in-consciência” beirando a recusa, busca a intensificação do viver, seja através dos grupos, seja através do para-si, ou ainda do egoísmo constante na atitude de viver.

Este texto parte do princípio de que os meios de comunicação de massa não representam nada além daquilo que se quer que eles representem. Podem ser creditados caso haja interesse em fazer da informação por eles divulgada como algo digno de crédito. Ou podem não ter um significado, estando apenas presentes, como media, fazendo companhia. Os meios de massa servem, no entanto, como elementos transportadores dialógicos entre pares: punks com punks, gays com gays, racistas com racistas, raperes com raperes e seus simpatizantes. Em outras categorias somente quando despertadas para o tema proposto.

Quanto aos eventuais equívocos em uma ou outra matéria quando se referem ao modo de vida de cada grupo, isto se deve à incompreensão ou o afastamento de quem escreve ou reporta, do universo reportado. O mesmo se pôde observar em algumas citações ao longo do discurso apresentado, como por exemplo o uso da palavra punk e não o *hard core* – substituto do movimento punk, considerado extinto em 77 --, como a palavra metaleiro – da qual os head bangers, ou roqueiros – tem verdadeira ojeriza. Com efeito, é comum o não aprofundamento num universo tão complexo e regido sob fronteiras tão tênues como o dos jovens, seja por temor, seja por inexperiência de quem os investiga.

O que se quer com o presente relato é alertar para a necessidade da busca de novas formas para a compreensão do universo juvenil, pois acredita-se que cada vez menos eles

⁷Ver, PEARSON, Keith Ansel-. Nietzsche como pensador político. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997- p. 20.

vão adentrar no “antigo”, e nós, ao contrário temos que, para criar alguma possibilidade de diálogo, aprofundarmo-nos mais e mais na fantasia que os cerca, não somente enquanto homem construído pela cultura, mas especialmente enquanto ser, filosoficamente.

Bibliografia

- BORNHEIN, Gerd. **Introdução ao filosofar: o pensamento filosófico em bases existenciais**. São Paulo: Globo, 2001. p. 41-42)
- BRUM, José Thomaz. **O pessimismo e suas vontades**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998).
- JACOBY, Russel. **O fim da utopia: política e cultura na era da apatia**. Rio de Janeiro, Record, 2001
- MARTÍN- BARBERO, Jesús. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: Senac, 2001 – p 44.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 171.
- PEARSON, Keith Ansel-. **Nietzsche como pensador político**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997- p. 20.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Tradução M.F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001).
- SOUSA, Mauro Wilton de. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.